

# Illustração

## PORTUGUEZA

DIRECTOR  
CARLOS MALHEIRO DIAS  
DIRECTOR ARTÍSTICO  
FRANCISCO TEIXEIRA

PRIMEIROS DE  
J. J. DA SILVA GOMES

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 42-CISSON



A Corte de Amor dos Jogos Flores de Salamanca: Señorita de Samaniego, marquesa de la Granja. (Cliché de V. GAMBAU).

Assignatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno ..... 4\$800 réis  
 » semestre ..... 2\$400 »  
 » trimestre ..... 1\$200 »

Assignatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Humorístico do Seculo" e da "Ilustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha  
 Por anno ..... 8\$000 réis  
 » semestre ..... 4\$000 »  
 » trimestre ..... 2\$000 »  
 » mez (em Lisboa) ..... 700 »



Meio seculo de successo

# ESTOMAGO

O Elixir do D<sup>o</sup> Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente  
**GASTRALGIAS, DYSEPSIAS.**

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
 Pharmacia FALHE, 8, rue Favart Paris

# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espezias de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
 PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado  
 Prado—Porto—Lisboa

Numero telefonico: 508

Installada para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã).

## COMPREM AS Sedas Suissas

Pedem as amostras das nossas Novidades em preto, branco ou cor. *Edo fiavello, Cachemira, Sha-tung, Duchesse, Grèpe de Oh no, Cotelé, Miss line, Mousseline*, largura 120 cm., e 140 cm., e o melhor para vestidos, bluzas, etc., assim como as bluzas e vestidos bordados em batiste, li, toile e soia.

Vendemos as nossas sedas garantidas soltas **directamente aos consumidores** e **francas de porte a domicilio.**

**SCHWEIZER & C<sup>o</sup>**  
**Lucerri e L. II. (Suissa)**

Exportação de sedas Forme da Côrte Real



**GRATIS**  
**125 machinas fallantes**



BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, Rua do Soccorro, 48 e Rua de Santo Antão, 22 e 24—LISBOA.

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente **GRATIS** estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX**

## Para encadernar a ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicios respectivos.

Administração do SECULO

LISBOA

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO 360 RÉIS

Enviam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada.

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, rue Vignon

Nouveau Parfum VIOLET  
 29, B<sup>o</sup> DES ITALIENS — PARIS  
**PRINCIA**

## PRECISA-SE

Rendas antigas, joias antigas, tapetarios antigos, candelieiros de latão antigos, e outras curiosidades.

Paga-se o melhor preço. Mandar pelo correio ou raminho de ferro.

Frederick Clark, 29, Cintra Park, Anerley, Londres, Inglaterra.

**HEMORROIDAS**  
 CURAM-SE COM OS  
**SUPPOSITOARIOS**  
**ADRENO-STIPTICOS**  
**MIDY**

DISPONIVEL

## EM 20 DIAS CURA RADICAL E INFALLIVEL

**ANEMIA**  
 CÔRES PALLIDAS  
 CHLOROSE, CONVALESCENÇA  
 PELO  
**Elixir de S. Vicente de Paula**

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL: CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapalheiros 15, LISBOA 1300 réis o frasco franco porte em todo Portugal. P<sup>o</sup> LOILLE, Mars, 2, Faub<sup>o</sup> St-Denis, PARIS



## A MULHER ATRAVEZ DO VÉU

Envolta na macieza nevada, ondulante e fina do véo, a mulher é a virgem que passa serena e intangível nos sonhos do poeta, e a graça que d'ella se evola é como o perfume suave que deixa no espaço a petala da flôr da laranjeira quando se desprende da corolla.

Assim a mulher é um delicado enigma.

Velada nas dobras vagas e transparentes do véo de tons preciosos e indefinidos, a mulher representa a creatura real e perturbadora que o

homem contempla sem saber ver, que ouve sem saber escutar e que beija sem saber sentir.

A mulher assim é o doloroso mysterio incomprehensivel ou incomprehendido.

Emergindo das pregas va-

porosas e confusas do véo de cores vivas e orgiicas, a mulher symbolisa a eterna Es-

phinge fascinadora e sensual, que o pagão nos seus devaneios ardentes e caprichosos idealizou, desejou e teve, sem poder explicar como a invocou, nem por que a amou, nem para que a possuuiu.

O véo, para os subtis, denuncia, porém, a mulher que n'elle procura occultar-se.

Esses adivinham e sentem o palpitir de uma alma nos fios do leve tecido que diaphanamente illumina umas tranças de ebano ou divinamente sombreia uns cabellos de ouro.

Nem ha mais apropriado recorte para fazer resaltar um rosto de mulher.

O véo bran-



- 1—Véos ductuantes
- 2—Véu antigo
- 3—Véu bizantino

co é uma tira de luar, que põe clarões n'uns olhos pretos e fataes, como o véo negro faz scintillar, no seo das suas trevas os mysterios azues ou verdes de uns olhos de pervinca ou de uns olhos glaucos.

Velada, a mulher tem a graça estranha e a belleza feérica de uma divina apparição.

Mas, além de tudo isto, o véo tem a sua linguagem expressiva, completando o pensamento e auxiliando o gesto.

Não ha mulher nenhuma que não tenha sabido tirar d'elle os seus melhores effeitos.

Helena, surgindo ante a assembleia dos troyanos, traz a cabeça emmoldurada n'um véo mais branco que a propria neve.

Penelope deante dos seus pretendentes, mostra-se sempre velada.

Poppéia, para irritar a curiosidade ou para parecer mais bella, não apparece nunca senão envolta nas ondas espumantes dos seus preciosos véos.

Parece que o uso de trazer o véo em publico remonta aos costumes polygamicos do Oriente.

Conta Plutarcho que Lycurgo determinára que as donzellas saíssem á rua sem véo, e que as casadas o trouxessem sempre, a fim de que as primeiras enco nrassem um marido, e as outras... conservassem o que tinham.

Estas razões, comtudo, não convenceram



1—O véo do seculo XVII: Mademoiselle de la Sablière  
2—O véo capuchon: Joanna d'Arc  
3—Véo de religiosa



os arabes, entre os quaes era uso velarem-se as mulheres desde a mais tenra infancia, tão escrupulosamente que os pretendentes escolhendo-as, fiados apenas nos esclarecimentos dados por matronas respeitaveis, só depois da cerimonia nupcial podiam vêr o rosto da noiva, — o que nem sempre deveria ser uma agradável surpresa.

Mas que longa historia palpitante a da mulher velada atravez os seculos, seja ella vista á luz do paganismo ou á luz do christianismo, quer se trate do véo com que, na Theogonia de Hesiodo, Minerva completa o vestuario de Pandora, quer se trate d'aquelle com que a Santa Veronica enxuga o sagrado rosto de Jesus, que fica depois impresso no fragil tecido.

Quantos mysterios nas dobras do pesado envo-

lucro da mulher oriental que não pode mostrar o rosto a descoberto; quanta lascivia na tenue gaze polychroma e dourada que a langorosa e ardente *bayadeira* da India agita na cadencia dormente dos seus passos; quanto pudor no movimento com que Rebecca se vela vendo apparecer Isaac; quanto romantismo nas curvas que esse ligeiro farrapo de espuma descreve ao sabor do vento, pendendo do *hennin* da grande dama heraldica que se debruça nas ameias dos altos torredões dos seus velhos castellos roqueiros e feudaes; quanta astucia presa aos fios do diaphano tecido que envolve Thamar quando procura tentar Judas; quanta desillusão escondida no



1—O véo de rainha  
(Retrato de Caterina Cornaro, rainha  
de Chypre, por Ticiano)  
2—Véo de campo

branco véo da noiva; e  
quanta banalidade an-  
nhada na fina *guipure*  
que circunda a caverna  
de um chapéu moderno,  
onde se perde um ros-  
tito inexpressivo e tor-  
turado... Que serie tão  
extrema de kontras-  
tes!

E que bizarra e curio-  
sa monographia não po-  
deria escrever-se a re-  
speito do véo! Seria uma  
longa, mas interessante  
e graciosa historia, des-  
de o véo sagrado  
e profano dos gre-  
gos e dos roma-  
nos; alvejando sob as ta-  
mareiras do Egypto; usa-  
do entre os assyrios e os  
indios; o  
véo das ves-  
taes, das sul-  
tananas, das  
odaliscas e

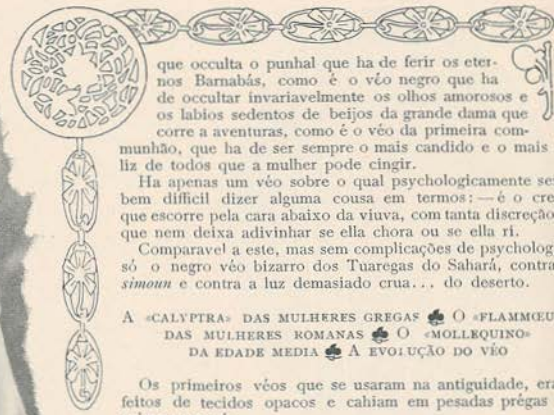
das escravas persas, passando pelos castos tules das  
religiosas e das jovens noviças que deslisam como  
phantasmas na algidez das lages dos claustros som-  
brios; revolvendo as impudicas gazes transparentes do  
Directorio, que envolvem completamente as Ma-  
ravilhosas e as Incríveis, escondendo-lhes um pouco  
os cabellos cortados á *victima* parodiando os guilho-  
tinados, e caindo sobre os pés mettidos em doura-  
dos cothurnos;—até aos véos dos nossos dias, enro-  
lados em volta do rosto da intrepida  
*sportswoman* que faz setenta kilome-  
tros á hora, entre nuvens de pó e  
effluvios de gazolina, ou bate  
intimoratamente o *record* da  
altura em aeroplano.

Demais, não é talvez tão fri-  
vola como á primeira vista pa-  
rece, a historia do véo.

Com elle podemos reconsti-  
tuir facilmente os differentes  
costumes ethnographi-  
cos, o caracter de um  
povo, todo o espirito  
de uma epocha.

Velada, a mulher pa-  
rece mais formosa e é  
mais tentadora, tendo  
o delicado encanto eni-  
gmatico, que falta á nu-  
dez da curva que se re-  
vela em toda a nitidez  
da lórma, pois é mais





que occulta o punhal que ha de ferir os eternos Barnabás, como é o véo negro que ha de occultar invariavelmente os olhos amorosos e os labios sedentos de beijos da grande dama que corre a aventuras, como é o véo da primeira communhão, que ha de ser sempre o mais candido e o mais feliz de todos que a mulher pode cingir.

Ha apenas um véo sobre o qual psychologicamente seria bem difficil dizer alguma cousa em termos: — é o crepe que escorre pela cara abaixo da viuva, com tanta discreção... que nem deixa adivinhar se ella chora ou se ella ri.

Comparavel a este, mas sem complicações de psychologia, só o negro véo bizarro dos Tuaregas do Sahará, contra o *simoun* e contra a luz demasiado crua... do deserto.

A «CALYPTRA» DAS MULHERES GREGAS    O «FLAMMEUM» DAS MULHERES ROMANAS    O «MOLLEQUINO» DA EDADE MEDIA    A EVOLUÇÃO DO VÉO

Os primeiros véos que se usaram na antiguidade, eram feitos de tecidos opacos e cahiam em pesadas pregas da cabeça aos pés.

Mais tarde, a mulher, anciosa por deixar entrever a sua belleza, conciliando a natural vaidade



1—O véo da noiva  
2—O véo arabe

singularmente bella a linha que se adivinha do que aquella que se vê.

Na penumbra do véo, a plastica espiritualisa-se da mesma fórma que o espirito se materialisa.

E' o franjado véo de Isis, que faz reflectir o pagão, como é o véo sagrado de Santa Agatha, que faz curvar o christão.

E' o véo sensual que molda subtilmente as attitudes plasticas da esculptural Cléo de Mérode, que desperta os sentidos, como é o véo iriado da Loïe Fuller, que, em crepitações de fogo, encanta os olhos; como é o véo quasi impalpavel, que se etherisa em volta da ideal figurinha de Ritta Sacchetto nos seus passos extaticos, que fala á alma.

E' o véo estrellado, chispando ouro, de todas as Giocondas,





com o respeito das conveniências, foi adoptando os tecidos mais finos e, logo que pôde, os tecidos transparentes.

A *calyptra* das gregas envolvia o rosto de forma que apenas os olhos ficavam a descoberto, segundo o uso que se conservou entre as mulheres do Oriente.

Algumas estatuetas de Tanagra representam a mulher assim velada.

Com o decorrer dos tempos, o véo passou a aureolar os rostos, no genero do *mezzaro* da genoveza ou da mantiha da hespanholla, ubstistindo apenas como raras exce-



ções que ainda hoje prevalecem n'algumas raças o uso do rosto completamente velado.

O *flammaeum* usado pelas mulheres na antiga Roma consistia em um manto que cahia em prégas até aos pés. Era atravez o véo, collocado simplesmente sobre as corôas de odoríferas verbenas, que as virgens gaulezas viam passar as legiões romanas.

No seculo XI cae sobre o véo uma chuva refulgente de perolas e esmeraldas.

No seculo XII toma o nome de *mollequino*, e é feito de musselina molle e transparente, fixan-

Costumes romanos do fim do seculo XVI  
 1—Donzella romana com véo cahido  
 2—Viuva romana com véo de luto  
 3—Donzella romana com véo erguido  
 4—O véo da Dogarina; Gravura veneziana de 1614



do sobre a linda e empenachada cabeça.

A rainha Anna de Austria e as damas da sua corte, trazem preciosas rendas de Inglaterra leves, finas, de complicado desenho, com que envolvem as cabeças delicadas, gentilmente, á maneira de mantilhas.

O véo nupcial de Maria Antonieta, é uma encantadora preciosidade que ainda hoje se pôde admirar no convento de Betharam.



do-se na cabeça por um aro de ouro.

No seculo XIII traz-se caído solto em volta do rosto. Os longos véos teem desaparecido.

Com os toucados em forma de armação da Edade-Media, o véo mais reduzido ainda, desdobra-se dos dois bicos espetados na cabeça, sobre os hombros.

Anna de Bretanha e Anna de Beaujeu, trazem comtudo, compridos véos acompanhando a cauda do vestido.

Depois o véo passa de moda para reaparecer no seculo XVI com o penteado italiano. Em Veneza a dogarina usa sobre o *cornio* um véo muito fino. A's gazes alvinitentes succedem-se os grandes véos negros, que tornam mais sinistra a sinistra Catharina de Medicis, e mais formosa a favorita de Carlos IX Maria Touchet.

N'esta época, proclama-se o reinado da mascara que por si só offereceria largo thema.

Com os Valois o véo deitado para traz em duas compridas pregas, preso ás pequenas *loques*, pôde puxar-se para o rosto. Gabriella d'Estrees, a amante querida de Henrique IV, faz a sua entrada solemne em Paris, com uma longa tira de gaze fluctuan-



O MAU GOSTO DURANTE A RESTAURAÇÃO AS RENDAS NA EPOCA ROMANICA OS TULES MOSQUEADOS E OS VÉOS DE CÔR DO SEGUNDO IMPERIO

No primeiro Imperio accentua-se a moda das *guipures* e das rendas, caindo do chapéu sobre o rosto.

A imperatriz Josephina, tem uma grande predilecção pelos tecidos bordados e pelas delicadas musselinas, transparentes, que dão á sua tez de creoula um reflexo especial.

A Restauração com os seus pesados e detestaveis *schacos*, os seus capacetes austriacos e os seus turbantes moabitas, traz tambem o véo agitando-se desengraçadamente como um simples farrapo branco por sobre montões de flores e cocares de fitas.

Mas eis que o véo, adaptando-se ao periodo romantico, é mais gracioso que nunca. A elegante boneca 1830 fica divinamente emoldurada nas rendas de Malta, nas gazes de Memphis, nas baptistas do Mogol, nas musselinas de Golconda e nos pontos de

1—O véo hespanhol: A mantilha (Retrato de D. Izabel Corbo de Porcel, de Goya)  
2—O heinin medieval  
3—O véo illusô



Bruges, de Bruxellas, de Chantilly e de Alençon.

Em 1868 as compridas gazes usam-se levantadas n'um apinhado ao lado, e quando finalmente desaparecem, deixam ficar os véos curtos presos ao chapéo, contornando o rosto.

A amazona põe de parte os ligeiros tecidos, verdes, brancos e azues, que o vento açouta na corrida vertiginosa.



A lenta evolução dos pequenos véos, começada em 1835, fixa-se finalmente, em 1855, com os tecidos de tule Malines ou em ponto de Flandres e de Chantilly.

Se o tempo estava bom deixavam-se para traz, por cima do chapéo, de maneira que ficavam caídos um pouco abaixo do pescoço.

Este uso, bem como o da mantilha, devia ter cedido o lugar, ao pittoresco costume portuguez do capote e lenço.

O segundo Imperio, desponta n'uma nuvem de tules negros, de rendas mosqueadas, de re-

des douradas, verdes, amarellas, encarnadas e azues.

O véo imperatriz, em *point d'esprit*, caído de um toucado do mesmo tule franzido, fez um successo doído, tendo tambem igual acceitação os tecidos encanastrados, escossezes.

Em 1880 o enthusiasmo volta-se para o *maravilhoso*, véo de tule pó de arroz, ponteadado a ouro, e para o *odalisca*, que era ercarlate vivo, in-



1—O véo moscovita  
2—Os véos da primeira communhão  
3—O véo moderno: Uma parisiense

ventado certamente para tornar mais provocantes as bellezas morenas.

Actualmente a mulher oriental, conserva o rosto velado por um lenço fino, dobrado em ponta e pelo *haick*.

Na Capella Sixtina, nenhuma mulher entra sem um véo negro sobre a cabeça.

As turcas de Constantinopla, pervertidas pelos exemplos das mulheres christãs, tem querido despojar-se dos seus véos, mas as leis que regem a castidade islamica prohibem ás pobres musulmanas a escandalosa e immoral exhibição dos

tristes rostos condemnados ás trevas.

A hespanhola, usa sempre a ampla mantilha onde destacam os cravos vermelhos e amarellos.

E, a proposito, lembra-nos uma deliciosa quadra da nossa delicada e querida poetisa sr.<sup>a</sup> D. Amelia Janny:

Em Hespanha nunca anoitece:  
Só pairam sombras confusas,  
Se a negra mantilha desce  
Nos olhos das andaluzas...

O lenço característico, posto dobrado em bico sobre as lindas e louras cabeças da nossa mulher do norte, e cujas compridas franjas jogam com as largas arrecadas de ouro, não é menos gracioso que os toucados populares das mulheres romanas e napolitanas, ou d'aquelles que se usam na Sardenha, nos Abruzzos e na Toscana.

Modernamente adoptam-se, para a noite as *écharpes* estampadas a cores e com bainhas abertas, além dos véos da cor do chapéo para passeio e das longas gazes que envolvem o rosto da excursionista.



1—O véu mosqueado.



2—O véo-écharpe. 3—Um véo moderno: No jogo do diavolo

A moda tem tambem a sua evolução regressiva. Por mais de uma vez tem ella resurgido no vestuário, nos enfeites e adornos femininos, em todos os accessorios da *toilette* da mulher, os velhos modelos, que, após o seu periodo de triumpho elegante, não só caíram em desuso, como se dissolveram no ridiculo, parecendo

então definitivamente abolidos. Mas voltaram, renascidos pelo capricho e volubidade do gosto, e successivamente temos assistido á recreação de formas archaicas, — da tunica grega, do manto romano, cuja graça recuperou os seus nobres direitos estheticos na epocha moderna. Com o véo o mesmo tem occorrido. Quantas vezes, na sequencia das correntes da moda, a incoercivel gaze hellenica reapareceu victoriosa, na sua leveza attica, sobre os tecidos que a tinham vindo substituir mais ou menos transitoriamente?! E, assim, o véo actual é muitas vezes o mesmo que fluctuava nas panathenêas de Athenas, passando despercebido entre os tulles da ultima moda, — reliquia graciosissima da belleza grega, pura e harmoniosa, que os nossos olhos distraidos criminosamente confundem com as incaracteristicas invenções da moda corrente.

O véo dos nossos tempos é decididamente um bonito farrapo de uma irrefutavel banalidade...

CAÇILDA DE CASTRO.



# CAPELLAS DO BUSSACO

do-se investido na transcendente missão redemptora que a velha litteratura prophetica dos hebreus annunciava, desceu um dia da sua verde e perfumada Galilea a evangelisar, intereratamente, uma nova doutrina moral, que tinha como fundamento a equaldade e o amor,— é força confessar que a historia tragica do doce *rabbi* de Nazareth, que pagou com o sacrificio da vida a perturbadora audacia das suas ideias, é, na verdade, das mais proprias para fazer vibrar intensamente a delicada sensibilidade de um artista.

Assim, Bordallo Pinheiro, que, desde alguns annos, trabalhava no rejuvenescimento da olaria caldense, — tão velha, acaso, como a propria villa, — com aquelle enthusiasmo,



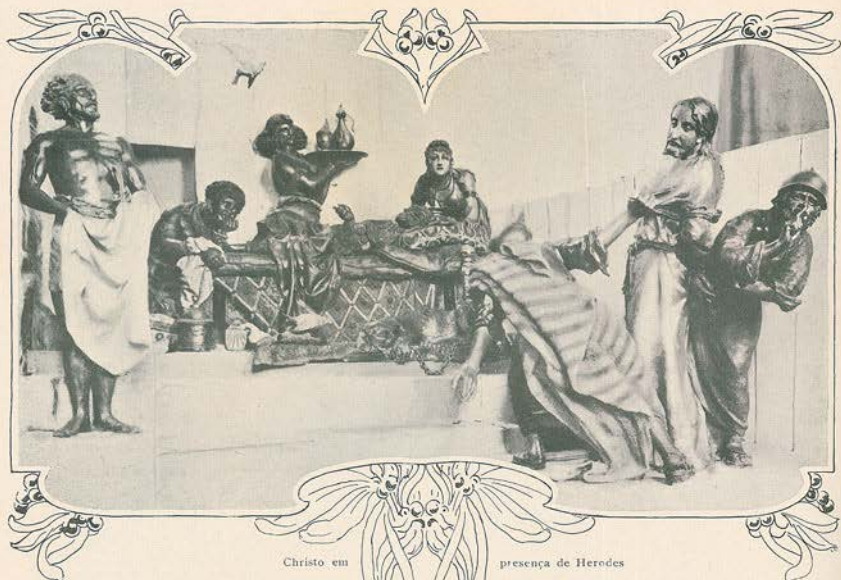
Na variada e gloriosa documentação do talento d'essa alta e inconfundivel personalidade que foi Raphael Bordallo Pinheiro, assignalam-se vigorosamente, pelo seu poder de synthese e de evocação, os grupos representativos de algumas scenas da Paixão de Christo, que o grande artista modelou para substituir os antigos *barros*, já mutilados, que povoam as capellitas espalhadas pela matta do Bussaco.

Quer vejamos em Christo o proprio Deus feito homem, para assim poder constituir-se victima do unico sacrificio capaz de redimir a humanidade, quer o consideremos apenas como um sonhador, um visionario, que, julgan-

aquella fé, aquella genial intuição do *caracter* portuguez, aquelle profundo sentimento das nossas tradições, de que sempre vinham penetradas as expressões omnimodas do seu raro talento, — apaixonou-se pela tarefa, que a poderosa e esclarecida iniciativa de Emygdio Navarro, então ministro das obras publicas, lhe confiára, e, cercandose de livros e gravuras, percorrendo com o mais vivo interesse toda a larga bibliographia do assumpto, desde os Evangelhos até aos trabalhos criticos mais recentes, preparou-se para figurar com o possivel realismo na exteriorisação dos caracteres e dos sentimentos na accentuação dos typos ethnicos, nos trajos, ador-



1 — A passagem da ponte de Cedron  
(S. João e S. Pedro)  
2 — O beijo de Judas



Christo em

presença de Heródes

nos e acessórios, as cenas ou *passos* correspondentes ás capelinhas da matta secular do Bussaco.

E' que o nosso artista formára o seu espirito no realismo, procedia intellectualmente do *Cenaculo* e das conferencias do Casino, do convivio de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, de Oliveira Martins e Batalha Reis.

Nem o destino da obra, nem (creio eu) a propria disposição do espirito do auctor, em que as velhas crenças dos seus primeiros annos haviam deixado um *sub-structum* intactavel, lhe permittiam, decerto, reconstituir os lances da tragedia christã á luz exclusiva de um critério naturalista.

Jesus, nos grupos do Bussaco, devia, pois, ser, não o revolucionario audaz, embora pacifico, que importava

condemnar á morte em nome da Ordem, mas o Redemptor, o Messias prometido, o Filho de Deus revestido da natureza humana para salvar a humanidade.

Sem embargo, porém, de cingir-se á narrativa dos Evangelhos, de considerar d'aquelle modo a Christo, dando, consequentemente, em todas as scenas, á sua figura resignada e serena de predestinado um ar sobrenatural, que a convencionalisa, Bordallo Pinheiro tratou todas as outras figuras como um psychologo que só procura a verdade e, por um estudo aturado do *meio*, deu á realisação plastica dos actos de aquella tragedia, tão singela e commovedoramente narrada pelos evangelistas, o *maximum* de côr local, fazendo surgir e *viver* deante de nós a Judeia de ha dezenove seculos.

Por uma parte, difficuldades resultantes da accidentada vida da fabri-



Pilatos lavando as mãos



Em presença de Caipház

ca de faianças que Bordallo Pinheiro, havia pouco, fundára nas Caldas da Rainha e onde modelava as figuras para o Bussaco, e, por outra parte, a suspensão de tempos a tempos, do subsídio que o ministério das obras publicas havia arbitrado ao artista enquanto durasse a execução dos grupos, determinaram, por vezes, longos e dolorosos periodos de desalento e de inactividade na vida de Raphael Bordallo como ceramista e escultor.

Nove grupos ficaram, ainda assim, concluidos, faltando apenas dois para completar a serie:—o descimento da cruz e o encerramento no tumulo.

São esses nove grupos que Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro,—hoje tambem ceramista distincto,—conseguiu ha pouco,—vencidos attrictos de ordem varia,—dispôr tão bem quanto possível n'um dos pavilhões do parque das Caldas, onde aquellas originalissimas figuras, verdadeiras obras-primas de movimento e de expressão, se encontravam armazenadas, em eminente risco de se mutilarem e de modo que não podiam ser apreciadas, desde que, pela venda forçada da fabrica, haviam sido entregues ao Estado e confiadas á guarda do director do balneario.

A necessidade, que, por mais de um motivo, se impunha, de não prothrahir a abertura da exposição, obrigou Manuel Gustavo a prescindir da collaboraçào scenographica que daria aos grupos o fundo conveniente, e a ex-

pôr os dois ultimos sem lhes haver concluido a pintura, que se limitou ao *preparo*. A falta de espaço e a carencia de luz adequada concorrem tambem para que a impressào, o effeito esthetico, produzido por essa obra singular, não seja tão intenso e dominador como deveria ser.

Bem haja, todavia, Manuel Gustavo pela sua iniciativa e pela sua tenacidade, graças ás quaes está assegurada a integridade e facultada a apreciaçào de uma das obras mais commovedoras e mais dramaticas da arte nacional do ultimo seculo.

São esses nove grupos que a *Illustraçào* n'este numero reproduz.

A arte do barro, a coroplastia, tem uma feiçào ingenua, espontanea, livre, que a torna insinuante, familiar, intima, em contraste com a grande esculptura, em marmore ou em bronze, mais adstricta a canones, mais fria, mais severa.

E' assim que os nossos lindos presepios do seculo XVIII, em que se não dedignaram de trabalhar os mais notaveis estatuarios do tempo, são de um valor incomparavel, como expressào synthetica, não da vida dos hebreus de ha dois mil annos, mas da vida portugueza do seculo de setecentos, com os seus costumes, o seu mysticismo, a sua galanteria, o seu preciosismo, os seus trajos...

Bordallo Pinheiro, que não era escultor professional, não pretendeu,—entenda-se bem,—fazer esculptura no sentido academico da palavra. Quiz apenas arrancar do barro, que elle já dominára como ceramista, fórmas expressivas



Partida para o calvario



Christo em

casa de Annáz

e frementes, através das quaes o espectador pudesse apprehender o seu sonho, a sua visão, da tragedia christã, aquelle sinistro tumultuar de sentimentos e paixões levantado em tórno da individualidade e da doutrinação de Jesus.

Errado critério seria, pois, o de quem se dispuzesse a apreciar como estatuas de galeria as figuras da Paixão de Bordallo, modeladas unicamente para darem a vida, o movimento, o drama e para serem vistas a distancia, em grupos, n'uma determinada posição, sob uma certa luz e com o auxilio de habeis efeitos de scenographia, que completassem e amplifcassem as scenas.

Não cabe no tempo nem no espaço que me são concedidos mostrar até que ponto a obra de Ra-

phael Bordallo Pinheiro, assim considerada, é maravilhosamente bella, poderosa e original.

Teria de referir-me ao delicioso grupo de S. Pedro e S. João Evangelista, quando, tomados de um tragico espanto, descobrem nas poldras do Cedron os vestigios ensanguentados da passagem do Divino Mestre; — á attitude austera e serena, cheia de nobreza e intellectualidade, do doutor

da lei, que, á direita de Annáz, olha fixamente Jesus; — ao ar de lassidão, de cynismo e de crueldade de Herodes, corcado de escravas, de diferentes raças, que o perfumam, e tendo á direita, de pé, o escravo negro e herculeo de que fala Gustavo Flaubert e cuja anatomia Bordallo estudou pri-



Na varanda de Pilatos: Christo ou Bar-Abbás?



Christo no horto.  
(Clichés de BENOLIEL)

morosamente;—á forma pela qual a indignação, o horror, perante as palavras blasphemias de Christo, se exteriorizam no pontífice Kaiphás e nos sacerdotes;—á attitude compassiva de Pilatos, em cujo espirito o receio de se oppôr, em nome de Roma, á vontade dos magnates hebreus e da multidão, supplantou, no emtanto, a piedade...

Venha o leitor ás Caldas da Rainha, que, desde agora, tem n'esses surprehendentes grupos mais um poderoso attractivo a juntar aos en-

cantos da paisagem ridendissima que circunda a villa, á feição pittorescamente medieval da sobranceira Obidos, á magestade do Oceano, além, na Foz, á grandezza, um tanto rude, do monumento de Alcobça, á pureza e unidade de estylo do templo e do claustro da Batalha, aos tenues e imaginosos rendilhados das capellas imperiteas,—e convencer-se-ha de que não exaggero.

Caldas da Rainha, setembro de 1909.

D. JOSÉ PESSANHA.





## OS JOGOS FLORES DE SALAMANCA

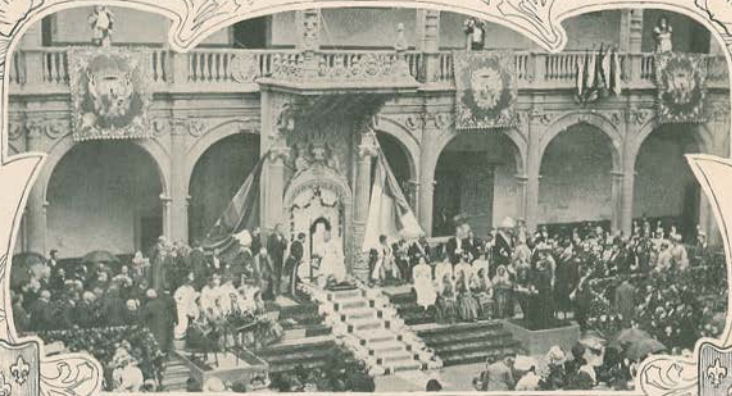


A's 4 horas da tarde as bandas de musica entoam o solemne hymno hespanhol. Os quatro arautos,

vestidos com as dalmaticas theatraes do *Lohengrin*, aboccam as trombetas, e S. A. a Infanta D. Izabel, em cuja cabeça branca tremula uma *aigrette* branca, passa o sumptuoso portal da Renascença, ornado de medalhões do Berreguete, que abre para a maravilha architectonica que hoje se chama o claustro dos Irlandezes. Atraz, com os dignitarios, caminham o decrepito cardeal da Irlanda, os prela-dos Inglezes, os bispos de Salamanca e de Cidade Rodrigo, as auctoridades e os cathedraicos da Universidade.

Toma a Infanta hespanhola o seu logar no throno, armado no mesmo estylo do pateo, e a que duas cariathides modeladas sobre as do palacio de La Salina susteem o baldaquino. Nos degraus forrados de terciopelo branco senta-se a *corte de amor*, composta das mais lindas salmantinas, ostentando, como idolos, o traje das *charras*, recamado de oiro. Duas mil pessoas enchem o claustro. De novo as trombetas dos arautos soam. Entre salvas de palmas são revelados os nomes dos laureados no torneio da poesta e da erudição peninsulares. Nove escriptores portuguezes iam ser chamados a receber das mãos da Infanta os premios conquistados no concurso. (1)

(1) D'estes, não se achavam presentes em Salamanca os srs. João de Caires, Guilherme Rubim e Joaquim Costa.



1—D. Luiz Maldonado, deputado, antigo sub-secretario da presidencia do conselho, escriptor e advogado, Presidente da commissão organisadora dos Jogos Flores de Salamanca  
2—Durante a cerimonia dos jogos flores no Claustro dos Irlandezes: O illustre poeta Eugenio de Castro, presidente do jury portuguez, levanta-se para recitar a sua allocução.—(Cliché de VENANCIO GAMBAU)





1—O grande poeta hespanhol Salvador Rueda, que obteve com a sua poesia *Salamanca a Flôr Natural* da poesia Lyrica. Premios das Rainhas de Hespanha e da Romania. (*Quadro de Seimwach, communitativo do concelho de Albacete*.)

Primeiro entre todos, um poeta de 22 annos, Antonio de Monforte, sôbe, entre a *côrte de amor*, as escadas do throno, com a sua negra capa de estudante.



2—O poeta portuguez Antonio de Monforte, que obteve com a sua poesia *Lyrica de outubro a Flôr Natural* da poesia lyrica. Premios da Rainha de Hespanha e da Infanta D. Paz. (*Clôche de V. GAMBAGE*.)

Coube-lhe na poesia lyrica a *Flôr Natural*, o premio supremo, reservado aos poetas, e outorgado à sua *Lyrica de Outubro*, que a *Illustração Portugueza* dá hoje a conhecer aos seus leitores.

### LYRICA DE OUTUBRO

POESIA DO SR. ANTONIO DE MONFORTE, PREMIADA COM A FLOR NATURAL.

Depois que da chymera os fructos d'ouro  
Murcharam com o sul,  
Buscam os cysnes outro ancoradouro,  
Seccou-se o lago azul.

Só os pavões no parque, ao abandono,  
Em gritos lancinantes,  
Choram por entre a lividez do outomno  
A luz que havia d'antes.

Inerge de hora a hora a natureza  
Na dôr crepuscular  
E eu cuído ouvir em toda a redondeza  
A morte a caminhar.

São passos que ella dá os ais sentidos  
Da nácara do vento,  
E como entende bem os seus gemidos  
Meu coração attento!

Suspende-se a escutar as fluidas notas  
De tão magoada lyra  
E um ecco triste de canções remotas  
Em mim agora expira.

Na immensa paz de outubro a debil queixa  
Dos ramos moribundos  
Quebra o silencio em que a seguir nos deixa  
Apenas por segundos.

E, enquanto ao longe a diluida estancia  
Se evae e perde quasi,  
O côro das cascatas a distancia  
Repete a mesma phrase.

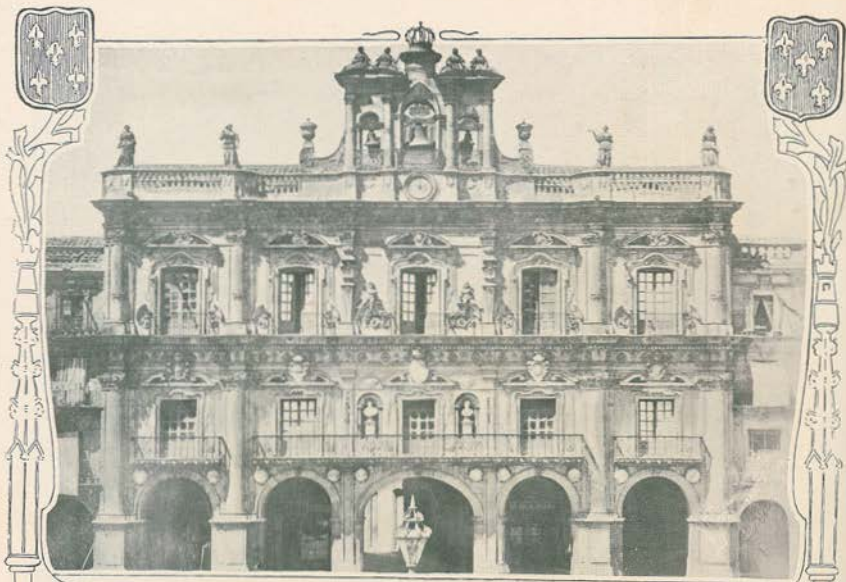
Folhas inertes caem mansamente  
E na alameda enorme,  
Com a cabeça na ampulheta assente,  
Até o tempo dorme.



3—Luiz Romano, poeta hespanhol que obteve o premio da Rainha de Portugal  
4—Panorama de Salamanca



Aspecto geral do claustro das Irmandades, em Belém, para a direita de S. Vito e para a esquerda de S. João. O altar pertence ao paróquia, em São de S. de Antônio.



1—O palácio da Municipalidade de Salamanca, na Plaza Mayor

(Cliché de V. GAMPAU)

2—O illustre escriptor sr. André Cardenal, um dos mais distinctos membros da commissão dos Jogos Floraes. 3—O vice-consul de Portugal em Salamanca sr. Julião Maldonado

O somno estende cauteloso a teia,  
Urdida em mãos fataes,  
E tudo aquillo que ao redor enleia  
Não se liberta mais.

No emtanto, a aspiração que me acalenta  
Pretende achar ainda  
N'esta paisagem lugubre e cinzenta  
Um sol que a faça linda.

Mas como um rei antigo no desterro  
Que um dia professasse  
P'ra Deus lhe perdoar um grande erro,  
O sol velou a face.

Perante os ceus de luto chego a um ponto  
De eu proprio não saber,  
Se é falso o estado de alma em que me apronto,  
Ou se é mentira o sêr!

Porque padeço a angustia incomprehendida  
Que o outomno mal traduz,  
Em vão procuro interrogar a vida,  
Fallar aos troncos nús.

E na expressão dos seus eternos gritos,  
Em ar de desconforto,  
Só me respondem os pavões afflictos,  
Chorzndo um sonho morto.

Ovações saúdam o poeta laureado, a quem a Infanta colloca na lapella da batina

coimbrã, presa a um alfinete de safiras e perolas, presente da Rainha de Hespanha, a flôr symbolica.

A cerimonia atinge então um dos seus lances culminantes, que apenas ia ser excedido, instantes de-





1—Manuel Eugenio Massa, premio da Poesia do genero bucolico  
 2—Aberto Monsaraz, premio do Soneto dedicado a uma figura historica portugueza  
 3—M. Cardoso Marthã, premio da Poesia do genero bucolico



Gentilissimo grupo de senhoras de Salamanca, que figuraram  
 com o traje sumptuoso de charra na cõrte de amor dos Jogos Floraeos  
 Da esquerda para a direita: D. Matilde Nicolau,  
 D. Paz Maldonado, D. Maria Reina, D. Ignacia Gomez, D. Dolores Monje,  
 D. Monica Guervós e D. Clotilde Lerchundi



1—Vista parcial do claustro do pátio dos Irlandezes, obra prima da architectura do século XVI, atribuída a Alonso de Berruquete, e onde se realizou a cerimonia dos Jogos Floraes

pois, quando o grande e modesto Salvador Rueda sobe por sua vez a escadaria do throno, entre aclamações estrondosas, para receber tambem a *Flôr Natural*, que o jury hespanhol concedera á sua eloquente poesia dedicada a Salamanca. O publico levanta-se para saudar os dois poetas laureados, que se abraçam, n'um amplexo em que todos comprehendem o symbolismo da aproximação fraternal das duas litteraturas peninsulares.

No scenario maravilhoso do clastro, abraçando com as suas arcarias de pedra doirada o quadro colorido e animado da festa, com o brilho dos uniformes e das fardas, o fausto das purpuras cardinalicias, a belleza das mulheres, as plumas dos chapéus, o accenar dos lenços, o rumor dos applausos, a vozeria das aclamações, o espectáculo assumira essa impressionadora grandeza que deve ser privilegio, na era pacifica da civilisação contemporanea, do triumpho das artes e das sciencias.

Seguem-se os poetas Manuel Eugenio Massa e M. Cardozo Mutha, premiados no thema de poesia bucolica, cujos excellentes trabalhos, do mais classico sabôr arcadio, sentimos devêras não poder reproduzir n'este numero por falta absoluta de es-

paço (1), e Antonio Monsaraz, cujo soneto dedicado a uma figura historica portugueza, a seguir publicamos.

## SANTO ANTONIO

SONETO DO SR. ANTONIO MONSARAZ

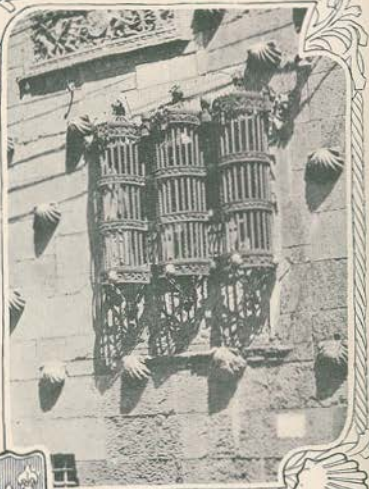
Em Lisboa, na escarpa do Castello,  
Diz-nos a tradiçào que houve algum dia  
Um menino prodigio, que trazia  
Como uma aureola em volta do cabelo.

E da Ribeira á praia do Restello,  
Já tamanba era a fama que corria,  
Que vinha immenso povo em romaria  
Unicamente para ouvi-lo e vê-lo.

E o menino cresceu, cresceu tocado  
Da graça do Senhor e as raparigas  
Bem n'o queriam para amorado...

Santo casamenteiro que nos ligas,  
Nas rezas andarás sempre rezado;  
Sempre andarás cantado nas cantigas!

(1) Couberam os restantes premios: o da «Narração Litteraria sobre costumes portuguezes», ao sr. Guilherme Rubim; o do «Contos», ao sr. João de Caires; o do «Estudo sobre o estado actual da litteratura portugueza», ao sr. Joaquim Costa; o das «Tradições universitarias de Coimbra», ao sr. Hippolyte Raposo; o da «União aduaneira entre Portugal e Hespanha», ao sr. Vasco de Quevedo, tendo o jury considerado desertos os themas «Poesia de Character Satyrico» e «Bases para o intercambio intellectual entre Hespanha e Portugal, suas vantagens e desvantagens», por não haverem a elles concorrido trabalhos dignos da consagração de um premio, mormente tratando-se de um concurso internacional.



2—Uma das janelas da casa das Comarças, em Salamanca

Então, depois que termina a distribuição dos premios, e que Eugenio de Castro, o illustre presidente do jury portuguez, e um dos maiores poetas da peninsula, agradece em nome da litteratura portugueza a honra com que a Hespanha a distinguira, convidando-a para combater n'aquelles jogos, o senador Lopez Muñoz tem a palavra e faz a apologia calorosa do idealismo e da cultura das artes.

Que tremenda lição para nós essa festa de belleza! Só por si ella personifica, perante a nossa decadencia, a resurreição moral e intellectual da

Hespanha, que ainda recentemente, n'um artigo admiravel como todos os que saem da sua penna de mestre, Fialho punha em confronto com o utilitarismo regressivo do Portugal contemporaneo, convertindo n'uma arena onde se degladiam as ambições dos politicos, perante cinco milhões de analfabetos estupefactos.

Em Portugal, uma tentativa d'esta natureza sossobriria no ridiculo e no insuccesso; seria considerada como um certamen pueril, explorado pela *terre* dos caricaturistas.

Sem duvida que a suggestão do ambiente historico singularmente preparou os espiritos para o anachronismo sumptuoso e galante do torneio poetico. Isolados do seu scenario archaico, os Jogos Floraes teriam certamente perdido, a meio de um seculo tão inimigo de devaneadores e de poetas, o seu maior encanto espiritual. Mas Salamanca propagou-lhes a gravidade transfiguradora da sua alma solemne. E este armistício de poesias entre a barbaridade das touradas e a vo-



Outra janella da casa das Conchas

dade idealisadora de Hespanha, que nunca apagou o seu nimbo de luz mesmo nas horas em que mais bravos sopravam os ventos das discordias e das luctas.

A cidade dos doutores, cujas vetustas paredes ainda ostentam os vermelhos caracteres romanos dos *victors*, glorificando os licenseados illustres, parece desprender dos seus monumentos esse imamente espirito de tudo o que existiu e que a imaginação pode, por sobrenatural milagre, reviver. Ha cidades que são grandiosos mausoléus da historia. E' uma d'ellas Salamanca. As suas muralhas, agora demolidas, foram os amparos de um berço onde se creou a fortaleza do heroismo, onde se alimentou a sêde da sabedoria; onde, desde a inves ida de Annibal, correu o sangue; onde, desde a passagem de S. Fernando, jorrou a luz. No seculo XII, Alexandre IV saudava-a como um dos quatro luminares do mundo. Pelas suas quelhas medievas circulou toda a estirpe da intelligencia da peninsula. Nas suas aulas claustraes se preparavam os legisladores e os theologos. Ella era a mãe veneranda da sciencia. Bem he fica hoje o titulo honorífico de protectora das lettras.



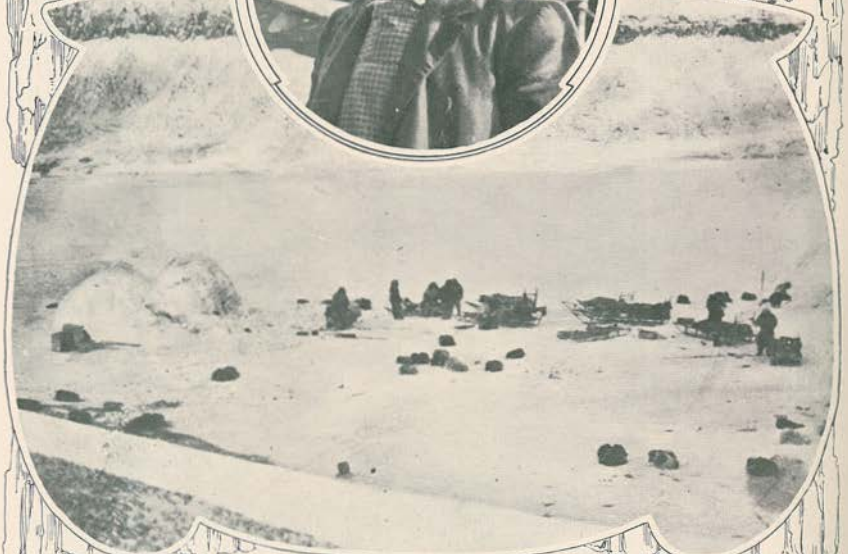
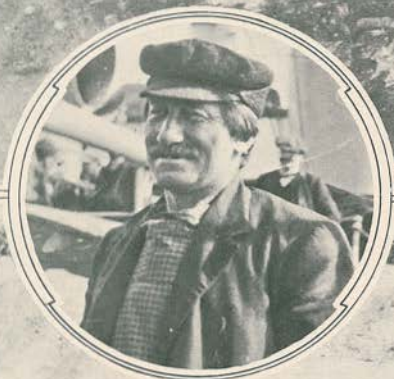
2—Uma belleza salamantina:  
D. Clotilde Lerchundi, uma das senhoras  
que fizeram parte da Corte de Amor  
dos Jogos Floraes

3—A clerezia

luptuosidade das verbenas, revela a persistencia d'essa nobre capaci-



-O-DR COOK-NO-POLO-NORTE-



1—Photographia tirada no polo 2—Primeira photographia do dr. Cook depois do seu regresso.  
tirada a bordo do *Hans Egede*

3—Uma alta dos trens na costa da terra de Grinnel

# A FESTA DE DOMINGO

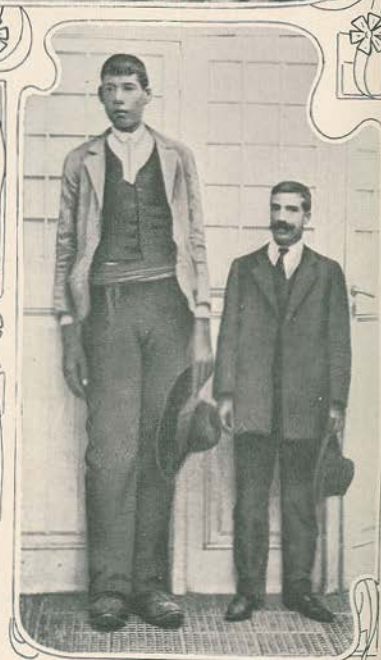
NO  
SPORTING CLUB  
DE  
CASCAES.



- 1—S. A. o sr. Infante D. Afonso presidindo à festa
- 2—Corrida de bicycletas e puearas
- 3—Corridas de andas : O vencedor chega à meta
- 4— Um trecho da assistência infantil (Cidade de BONOLIEU)

A interessante festa sportiva realizada com o maior entusiasmo e animação no domingo 26 do mez passado, no Sporting Club, foi como que uma introdução á grande serie de campeonatos e concursos que devem começar d'aqui a tres dias, e que constituirão a brilhante semana de Cascaes.





1—Um aspecto da assistência no torneio do Monte Estoril  
 2—Os esgrimistas que disputaram a taça  
 4—José Lopes, natural de Farellos, freguesia de Giões, concelho de Alcoutim—(Clichés de RENOLIEL)

**O TORNEIO DE ESPRIMA NO MONTE ESTORIL.**  
 —No domingo, 26 do mez passado, realisou-se o campeonato de espada, disputado entre os melhores atradores e amadores de Portugal, e de que constituia primeiro premio a taça Monte Estoril, que deve ficar na posse definitiva de quem a ganhar dois annos consecutivos.

**UM GIGANTE PORTUGUEZ.** — Ter: causado uma certa sensação em Lisboa, pela sua elevada estatura, que attinge 2 metros e 8 centímetros, um rapaz do Algarve, de 19 annos, que, depois de ter sido examinado pela junta de inspecção militar, da sua terra, veiu apresentar-se á junta de recurso.

# PORTUGAL — PITTORESCO

## AS BONDAS

São uma grande família as celebrações de religiosidade popular no Minho. Agora me recordo eu de quatro, as mais vulgarizadas: os *cêrcos*, os *caramões*, os *ladários* e as *rondas*. Tudo isto gente da mesma costella; sangue do mesmo sangue — uma família.

Os *cêrcos* da antiga tradição eram *festividades* de pronunciada tristeza e gravidade. Antecedendo

a *padiola* rasa do orígio caminhavam os arcabuzeiros d'aldeia, de bacamarte aperrado, desfechando sobre os milheiras, os campos de centeio ou de vinha, para afastar o *mal* das culturas. Esta cerimonia resumia-se em percorrer lentamente a area de cada parochia, parecendo, assim, que em todas as freguezias dos grandes e pequenos concelhos do norte se realisava a mesma costumeira supersticiosa.

Julgo vir d'essas celebrações a denominação, aos bacamartes, de *bacamartes de cêrco*.

Os *caramões* modificaram o uso do limite de circumscripção parochial dos antigos *cêrcos*. Não se resumem ao cêrco d'uma freguezia; caminham através terras de muitas denomina-



ções; através regencias parochiaes muito varias. Vão a *santuários* distantes. Parecendo que com esta prova evolutiva (digamos assim) se quiz obstar á innumerabilidade de dias gastos em *cêrcos* diferentes, em diferentes abstinencias de trabalho agricola.

Depois, os *caramões* são motivo de menores despezas para os parochianos e juntas de parochia. Com essa usança dos *cêrcos* nunca se poderá indicar a quantidade de polvora e fulminantes gastos na cintura d'uma aldeia de muitos fôgos. Calculo-o eu por tres vezes um *desfeso* para as lebres, para os coelhos, para as sombrias, para as codornizes, perdizes e pardejos bravos. Creio não estar muito longe.

O centeio é que o pagava!...

Os *ladários* são uma festa dos inicios de maio, que possuem um longa legenda tradicional. Quem falla em *ladários* evoca simultaneamente, pela sua temporada, uma festividade religiosa e paga: evoca o culto catholico das *ladainhas* e a celebração publica das *maias*.

Os *ladários* são a resa, a dentro de cada templo, da *ladainha* dos santos, entoada em côro, *deitada* do altar môr pelos parochos de tres freguezias circumvisinhas. Ao ar livre documenta-se a festa rustica. E os sinos que cantam do alto dos campanarios por essas manhãs d'um sol viçoso e forte unem na mesma impressão as cantilenas do templo e os pampinos de adorno nas casas de officio.



1—A *ronda*: Partindo da aldeia  
2—A *alfadega*

Os operarios que engrinaldam as portas e janellas da officina com os ramos frondosos de carvalho, as flores alvadias da giesta e as rosas fartas de *palmecirão*, teem, em verdade, o mesmo sentimento religioso das velhas que passam ao *ladario*, cobrindo sob o lenço de linho, afunilado, o seu capote de panno azul com longa romeira de veludilho.

Para elles o significado é o mesmo... Só para mim isso é diverso — e bem di-

tudo e esperado, e agindo para o sentimento e pensamento dos homens como a fonte da Alegria, o elogio da Força, a incontinencia do Amor! Deus, cuja abundancia de generosidade é, dentro nós ou a nossos olhos, como a agua azul e farta que serpeia por searas banhadas d'um sol ésparsu e rutilo!

Apóllo!

Louvado Apollo nosso pae natural!

E sob a evocação maxima do deus lu-

minoso, quantos symbols surgem n'esse despontar de primavera, entre a natureza já adomada de ramos?! Céres, toucada com ouro luzente dos milheirões, rosea, de olhos perturbantes, mostrando a abundancia dos seios novos e gordos; Baco, deus-bóde, coroado de folhagem estilizada das vinhas, de peruca e patas de cabra; Diana, flexivel, bella, agil, voltando para as rabinas monstruosas a ferosidade animal da sua matilha.

E quantos, ainda...

Dentro dos templos, então, na frescura e tranquillidade d'essas suaves manhãs de maio, o côro religioso evoca uma outra alma palpitante, menos remota e quiçá menos sagrada. Pecam sobre ella crimes d'um sacrificio constante, já ancestral, que tem vinculado nas gerações successivas de vinte seculos o medo ao riso, ao amor carnal, á força, ao instinto de viver independentemente. Para a sentimentalidade de velhos talvez que a celebração seja causa d'uma saudade. Razão secundaria. Ella no fundo é (e de longa data) a velha luta entre o christianismo e o paganismo; luta inquebrantavel; conflicto com que brigam, desde um longuinho periodo historico, as forças naturaes, o instinto, e a crise de incerteza que

profundamente envolveu a alma humana: — crise a que devemos chamar superstição ou infantilidade mental.

E as *rondas*?!

Evoco-as em julho, no mez apollíneo, quando a prodigalidade da natureza enche de côr e murmúrio os lindos campos da terra minhota. Evoco-as ao livre reflexo d'um sol radiante, viva e alvoçantes, levando o ruido do seu spectaculo rural atravez uma paizagem



As *rondas*: Entrando na romaria

verso. Trazem do passado os pampanos enlaçados nas varandas curiosas dos burgos, o signal suggestivo da sua origem inconfundível; o sellu bem nitido do seu renome; a expressão provocante do seu intuito! Não são para um deus dogmatico, personificação integra do mysterio, causa d'um pensamento constante de submissão e medo. Não são para esse *culto* essas flores. Antes para um deus humanamente sen-



A ronda: A caminho da romaria

verde e farta, já animada para a mais espontânea das produções.

E' o azul tímido das madrugadas que vêm partirem, de longinquoas aldeias, os «votos» ingenuos da sentimentalidade e alegria populares. Quantos andôres, de ronda e romagem para uma freguezia apartada, se armam no adro de uma igreja do campo quando ainda estremece sobre o anjo custodio da garimpa da torre aquella estrella d'esmalte frio, incerta mas devotada, creança no azul da sua tremura insistente, a que o camponez amorosamente chama a «estrella Maria», o «lume d'alva»!... A essa hora, afadigados e rapidos, com a vaidade do seu trabalho devoto e tradicional, os mezaros e os do andôr, em mangas de camisa

alvadia,  
erguem  
as azas

marginas, collocam a *estrella* do remate e as primeiras uvas do anno, aspirando a azulada frescura da manhã e ouvindo os gaos que cantam nas carvalheiras das quintas proximas.

Quando o andôr se completa, quando de cima a baixo tudo se encorpora e reluz com gravidade e luxo, então garridam os sinos, os tambôres arrebataam de entusiasmo, e o fogueteiro, apressado, petisca fogo no rastilhos dos morteiros.

Nada sobre o arvoredado quieto da manhãinha uma onda de frescura aromatica, que coalha na côr das vegetações pingues o verde sombrio das grandes orvalhadas. Entre o matto betoiro, na encosta proxima, — matto espigado de flôr, n'um amarello quente —

enredam-se as teias d'aranha miúdas e rendadas, que indicam um meio dia abrazador, de sol perturbante. Nos longes da montanha—porque a luz assoma, apenas—uma neblina vaga, d'um violeta tenue, envolve e apaga as minuciosidades distantes da feitoria e edificações da terra avistada.

E o andôr sóbe aos hombros herculeos dos rapazes do campo. Ordenando os movimentos d'essa mole de decorações e graça gritam os mezarios as suas palavras de cuidado, as suas ordens de descanço ou arrancada. Cavadores rijos ajustam, de face, o cordeame que equili-

vermelhos «de Rio Mouros», segue na frente erguendo os mastros de pinho da terra, onde as bandeiras brancas se desenrolam e elevam, fartas de liberdade e aragem. E' um cordão de mastrario, desigual de attitudes, que põe certa nota original e garrida no desfile d'essas festas camponesas. E na frente do andôr, em torno, e apoz o grupo philarmónico, uma nuvem de povo, com fato domingueiro, com a jaqueta arrimada, o oiro pendente, o grande guarda-sol descoberto e de chapellão empunhado, segue a passo a sua *ronda*, com filaucias de rondeiro brioso.



A ronda da Senhora da Lapinha em Guimarães

bra as partes altas da armação. E já os bombos, ás primeiras passadas, troam, deanteiros, a algazarra anunciadora da ronda parochial.

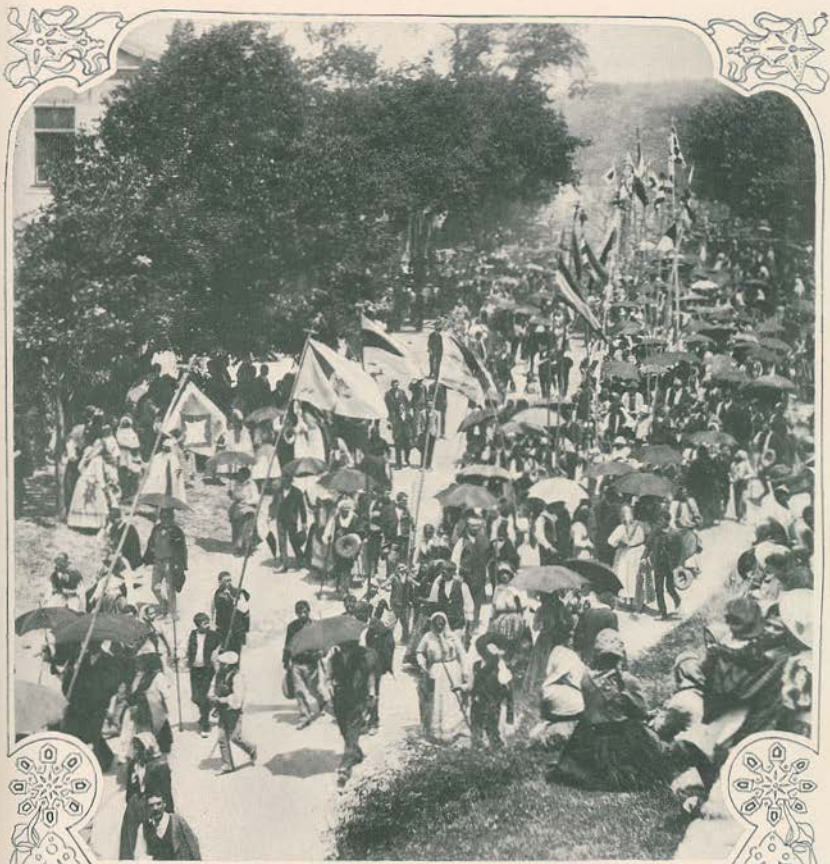
Como animadas, as folhiagens esguias e unidas dos choupos d'ábeira-rio estremecem d'aragem, risonhamente doiradas do sol nascente.

A *ronda* segue. Para traz cantam ainda os sinos da igreja, com pena de não rondarem tambem como o andôr e como o povo, que vão levados. Lá adeante a philarmónica d'aldeia, posta no extremo da arraiada, compassa o «ordinario» lento do uso.

Um rapazio garoto, com a cabeça enrodilhada nos lenços

Já o sol abre francamente sobre a poeira clara das estradas; já bate de chapa no vermelho cru das casas de senhorio, pinteladas de fresco para a temporada estival!

E então, entre a graça e espessura das vinhas de enforcado, que, trepadoras e abundantes, bordam a margem do caminho, curiosamente o andôr, com seus gomos de cores fortes, onde se entercalam o azul, o escarlate e amarello mais nítidos, e onde constantes reflexos de papeis luminosos criam uma gama vibrante, caustico—o andôr, dizia, dá o suggestivo conjunto d'uma decoração exuberante de vida, caracteristicamente gallega, e colhida, talvez, na po-



Os guiões

lychromia ardente dos vestuários ruraes, na maravilha da ourivesaria popular, no proprio azul opalino do ceu—tão firme elle se abre sobre a luz impressiva da solheira farta!

Mordomos, de opa vermelha e vara de prata, clamam entre o povo as esmolas orçamentadas para a *ronda*. A poeira eleva-se, n'uma restolhada quente e pesada, envolvendo a multidão caminhante. Os moços do andôr, resistentes, afoguem-se de suor devoto e animal!

☛  
Sobre as *rondas* mi-  
nhotas (que são o ultimo  
filho  
dos ve-  
lhos

*cêrcos* ruraes) muita curiosidade me apparece n'este meu livro de notas.

*Rondas* ao S. Thiago, que (no dizer do camponez) «pinta o bago», enfarta o fructo roxo das vinhas. *Rondas* á Senhora da Lapinha ou Senhora d'Anthime<sup>1</sup>, que afastam as pestes da aldeia, o «mal» das culturas, que enriquecem as colheitas dos incios d'outomno. *Rondas* sem fim, originadas por uma necessidade moral, que é, simultaneamente, uma necessidade economica.

Aldeias ha onde se reúnem andôres rondeiros de muitas freguezias<sup>2</sup>. A par da origem

<sup>1</sup> Estas *rondas* realisam-se nos arredores de Guimarães e Fafe.

<sup>2</sup> Freguezia de Santa Marinha da Costa, em Guimarães.

religiosa que fomentou esta ultima *etapa* das festividades do campo—postas em pratica com um sentido mais ou menos pratico—não devemos esquecer que na desmedida altitude dos andôres, na aglomeração de mastriaras flammantes, de musicas, etc., etc., collabora, absolutamente, o habito de exageros que o minhoto impulsivo communica a todas as suas manifestações publicas.

Esse excesso de vegetação e, quasi direi, de

facil era concluir que a par da exaltação já ancestral do cavador minhoto o tempo e a terra requeriam expansões de extremada attitude, com as quaes vão os gastos prodigos e as canceiras não medidas.

Como nota sentimental (dominante do caracter de todos os individuos impulsivos) as *rondas* terminam por uma «despedida»<sup>3</sup> pittoresca e amorosa de sensibilidade: são os andôres arreados do hombro dos moços do campo, no



As despedidas das rondas

fartura productiva, crescendo quasi que exclusivamente ao seu esforço, alguma coisa havia de vincular no caracter d'um povo que vive da sua activa e prodiga communidade.

Não é, agora, com a restricta intenção dos ingenuos *cêrcos* de ha cem annos que se exhibem as pomposas romagens das *rondas*, por esses alegres logares do sul do Minho. O alicerce d'esse costume regional é, sem duvida, o mesmo. Mas já a *ronda* popular, posta primariamente ao serviço do culto catholico, tomou depois o seu *ar* de manifestação pagã, para o que contribuiu (e contribuirá) a profusão do caracter e estado social quasi infantis d'este povo inquieto e meglomata.

N'uma quadra prospera como a do estio, em que a abundancia dos pomares, das searas, das vinhas, e a abundancia de aguas — que mais cantam aavez o caminho dos regatos —

peso todo da sua ornamentação archaica e bizarra, que lentamente se inclinam, se «despedem»; gesto este tão commovente para o minhoto tradicionalista que todos o acompanham com uma phrase irmã da sua saudade:

— Até ao anno!... Até ao anno!...

Povoa de Varzim, 1909.

ALFREDO GUIMARÃES.

<sup>1</sup> Freguezia de Santa Marinha da Costa, em Guimarães.



# FIGURAS E FACTOS

O principe D. Miguel de Bragança e Miss Anita Stewart, cujo casamento se realisou, no dia 15 do corrente, em Dingual, na Escoccia. Os noivos passam a usar, segundo dizem os jornaes estrangeiros, o titulo de duques de Vizeu.



DRS. JOAQUIM MURTINHO E JOSÉ CARLOS RODRIGUES. — Passaram ha dias em Lisboa, a bordo do vapor *Araguaya*, de regresso ao Rio de Janeiro, estes dois illustres homens publicos do Brazil. O dr. Joaquim Murtinho foi, como se



sabe, ministro da fazenda na presidencia do dr. Campos Salles, revelando então elevadas qualidades de estadista, e o dr. José Carlos Rodrigues é o conhecido proprietario e director do *Jornal do Commercio*, fino letrado e bibliophilo.

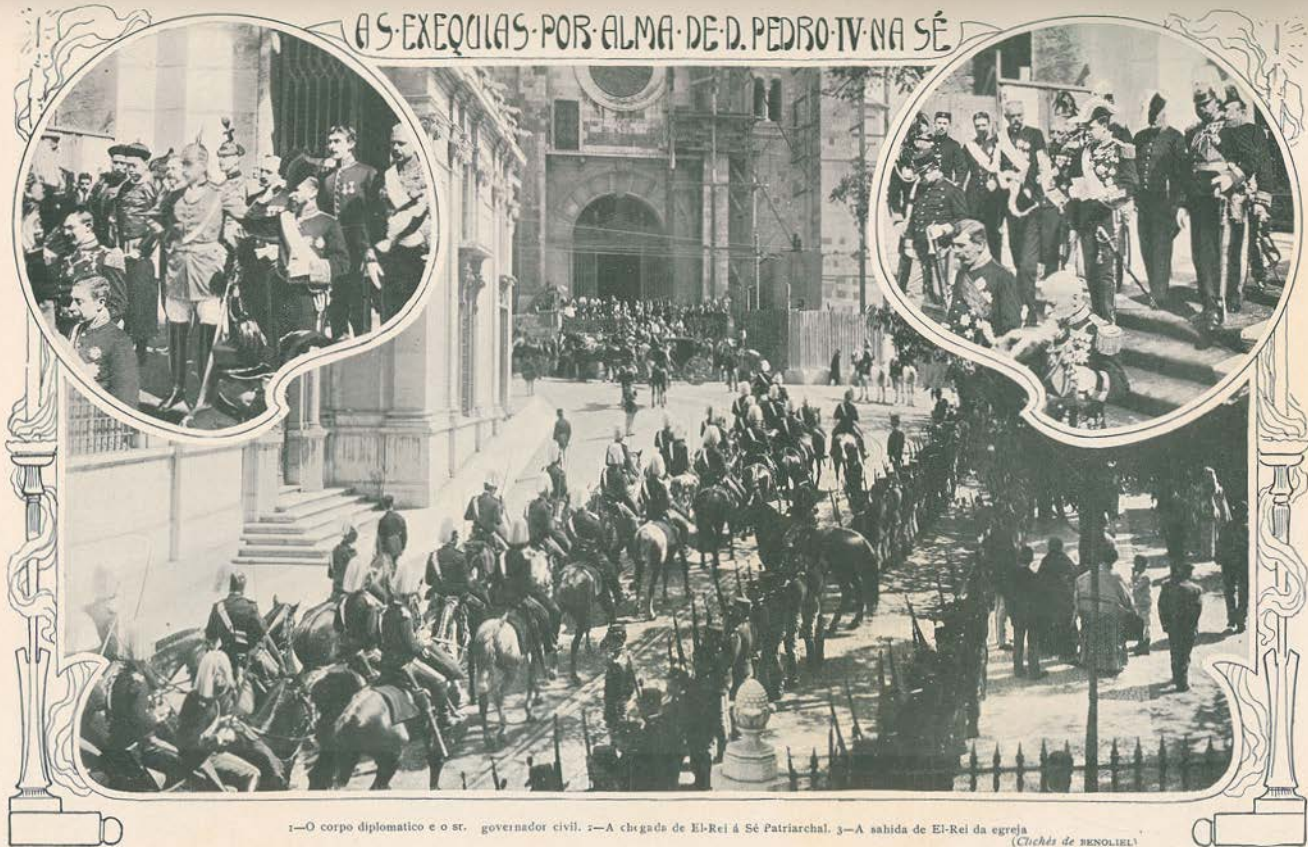
(Clichés de BENOLIEL.)



1—O principe Miguel de Bragança. 2—Miss Anita Stewart. 3—Os srs. drs. José Carlos Rodrigues e Joaquim Murtinho. 4—A estação terminus, em Montemór-o-Novo, do ramal do caminho de ferro do Sul e Sueste ha pouco inaugurada.



AS EXEQUIAS POR ALMA DE D. PEDRO IV NA SÉ



1—O corpo diplomático e o sr. governador civil. 2—A chegada de El-Rei à Sé Patriarcal. 3—A saída de El-Rei da igreja  
(Clichés de BENSOLIEL)

FARINHA  
LACTEA

NESTLÉ

ALIMENTO COMPLETO  
para crianças e pessoas  
edosas.

Agencia de



VIAGENS

# Ernst George

## SUCCESSORES

VENDA DE BILHETES DE PASSAGEM EM VAPORES E CAMINHOS DE FERRO  
PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO  
SEM AUGMENTO NOS PREÇOS. VIAGENS CIRCULATORIAS A PREÇOS REDUZIDOS  
NA FRANÇA, ITALIA, SUISSA, ALLEMANHA, AUSTRIA, ETC.

**Viagens ao Egypto e no Nilo.**  
**Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
Cheques para hotéis.

Rua Bella da Rainha, 8—LISBOA

*Viagens baratissimas*  
á **TERRA SANTA**

**Madame**

O passado, presente e futuro revelado  
pela mais celebre chiromante e phy-  
sionomista da Europa

**Brouillard**

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez, é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenigwey, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

**43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA**  
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



**CASTANHEIRO L<sup>DA</sup>**

ARMADORES ESTOFADORES

PRACA LUZ DE CAMOES 88 - LISBOA

TELEPH. 1346  
CORREÇÃO TELEGRAPHICA (ASTALL)

**BAUME BENGUÉ**

Cura Totalmente

**RHEUMATISMO  
GOTA  
NEURALGIAS**

D<sup>o</sup> BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



## ILLUSTRACÃO DO HOMEM SOBRE O HOMEM

Palavras notáveis de um eminente membro do clero sobre o Magnetismo Individual

Nenhum assumpto tem despertado tanto interesse e provocado tantas discussões da parte dos pensadores, como o Magnetismo Individual. E' digna de nota a attenção que o clero, doutores, directores de escolas e homens de sciencia do mundo inteiro concentram sobre esta questão. Muitos d'entre elles certificaram abertamente os seus effeitos maravilhosos. As palavras claras do Rev. Paulo Weller de Gorham, N. Y. chamam bem a attenção para o assumpto.

Em resposta a uma carta de um amigo sobre o facto de se ter elle tornado firme crente do Magnetismo Individual ou Hypnotismo, o Rev. Weller escreveu:

Eis o facto: «O assumpto Magnetismo Individual ou Hypnotismo, ao qual consagrei muitos annos de estudo, chamou ainda mais a minha attenção, depois da leitura de uma obra scientifica publicada pelo New York Institute of Science de Rochester N. Y.»

Sou ministro do clero, porém não tenho receio de decla-



Rev. PAULO WELLER  
Gorham, N. Y.

rar, que a leitura e o estudo de tal livro, causou profunda e viva impressão sobre o meu espirito. A minha opinioe sobre o Magnetismo Individual, assumpto que todos podem estudar com vantagem, é baseada sobre uma minuciosa investigacoe e com pleno conhecimento do seu grande valor. Esta declaracoe é espontanea. Depois do estudo da Santa Biblia, o Magnetismo Individual, como ensina o livro notavel e supra citado, é o estudo que deveria vir em segundo logar.

O Magnetismo Individual reúne todas as leis, que regem a influencia de um homem sobre outro homem. E' a força que permite a um homem, amoldar o pensamento de outro homem; que transforma os insuccessos da vida em successos; que desenvolve as energias latentes do espirito, proporcionando o cumprimento de factos notáveis. Tenho recebido muitas cartas a este respeito, e a todas respondi do seguinte modo: Escrevei ao New York Institute of Science Rochester, N. Y., pedindo o seu livro sobre Magnetismo ou Hypnotismo. O livro ser-vos-ha enviado gratis. Se a leitura d'elle vos for tao util e agradável como foi para mim, agradecer-lhe-heis até ao vosso ultimo dia de vida. Saudações. Rev. Paul Weller.

Quem mandar o seu nome e endereço ao New York Institute of Science, dépt. 1518, A. Rochester, N. Y., U. S. A., receberá gratuitamente e pela volta do correio o livro recommendado pelo Rev. Paulo Weller. Basta mesmo fazer a encomenda por um simples bilhete postal. O porte das cartas para a America é de 50 réis. Os bilhetes postaes são de 20 réis.

# POST TOASTIES

Substanciosa e agradável refeição para ser tomada a qualquer hora do dia

Excelente para preparar rapidamente

Uma deliciosa sobremesa

PREÇO 300 RÉIS

A' venda em todas as mercearias

## Concurso de 1909

O SEculo organisou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores.

**TOTAL 4:528 PREMIOS** representados por objectos da maior utilidade para toda a gente. A sua distribucão deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela autoridade civil.

Publicamos hoje mais um pedaço de um todo que vos dará a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e tereis alcançado meio caminho para a fortuna.

**Aviso importante aos concorrentes do Brazil e colonias portuguezas.** — Os concorrentes do ultramar e Brazil devem remetter as suas cadernetas de forma e darem entrada na administracão do *Seculo* (c. 1 a 13 de dezembro). Para isso é-lhes facultado o direito de poderem enviar as respectivas cadernetas, contendo apenas os coupons correspondentes aos jornaes publicados desde o inicio do concurso até á data dos ultimos jornaes recebidos.

